



Encontros Bibli

ISSN: 1518-2924

Universidade Federal de Santa Catarina

Karpinski, Cezar; Vieira, Keitty Rodrigues
A ARTE DE DOCUMENTAR A NATUREZA EM RELATOS DE VIAGEM
ÀS CATARATAS DO IGUAÇU (BRASIL E ARGENTINA, 1883-1914)
Encontros Bibli, vol. 25, Esp, e75476, 2020
Universidade Federal de Santa Catarina

DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2020.e75476>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14775556006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UABM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

A ARTE DE DOCUMENTAR A NATUREZA EM RELATOS DE VIAGEM ÀS CATARATAS DO IGUAÇU (BRASIL E ARGENTINA, 1883-1914)

The art of documenting nature in travel reports to the Catarata de
Iguaçu (Brazil and Argentina, 1883-1914)

Cezar Karpinski

Doutor em História

Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Ciência da Informação, Florianópolis, Brasil

cezark@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2446-0653> 

Keitty Rodrigues Vieira

Mestre em Ciência da Informação

Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, Brasil

keitty_rodriguesvieira@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8649-0765> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

Objetivo: Reflete sobre o aspecto documental dos relatos de viagens na constituição de paisagens naturais a partir de pesquisa sobre as Cataratas do Iguaçu. Os documentos analisados são relatos de viagens publicados no Brasil e na Argentina entre os anos de 1883 e 1914. Investiga como os viajantes e exploradores que visitaram as cataratas entre os séculos XIX e XX conceberam o território disputado por Brasil e Argentina desde o período colonial. Especificamente, objetivou-se: identificar a tipologia documental, caracterização técnica e possíveis aproximações dos relatos de viagem com a “arte da Bibliografia”; apresentar concepções de “Natureza”, “Recursos naturais” e “Paisagem” presentes nas narrativas dos viajantes.

Método: Pesquisa exploratória, bibliográfica e documental por meio do método histórico.

Resultado: Apontamentos técnicos acerca da tipologia documental “relatório de viagem” e sua relação com a Bibliografia. Reflexões teóricas sobre memória e paisagem na interface dos registros documentais.

Conclusões: Conforme apresentado no evento “A Arte da Bibliografia” (2019), foram destacadas as imagens e as descrições da paisagem utilizadas como recurso discursivo de empoderamento dos Estados Nacionais em disputa pelo território da fronteira.

PALAVRAS-CHAVE: Relatos de viagens. Cataratas do Iguaçu (Brasil). Cataratas do Iguaçu (Argentina). Paisagem. Memória.

ABSTRACT

Objective: Reflects on the documentary aspect of travel reports in the constitution of natural landscapes from research on Cataratas do Iguaçu. The documents analyzed are travel reports published in Brazil and Argentina between the years 1883 and 1914. It investigates how travelers and explorers who visited the falls between the 19th and 20th centuries conceived the territory disputed by Brazil and Argentina since the colonial period. Specifically, it aimed to: identify the documentary typology, technical characterization and possible approximations of travel reports with the “art of Bibliography”; present concepts of “Nature”, “Natural resources”, and “Landscape” present in the travelers' narratives.

Methods: Exploratory, bibliographic and documentary research using the historical method.

Results: Technical notes about the documentary typology “trip report” and its relationship with the Bibliography. Theoretical reflections on memory and landscape at the interface of documentary records.

Conclusions: As presented in the event “A arte da Bibliografia” (2019), images and descriptions of the landscape were used, used as a discourse resource for the empowerment of National States in dispute over the border territory.

KEYWORDS: Travel reports. Cataratas do Iguaçu (Brazil). Cataratas do Iguaçu (Argentina). Landscape. Memory.

1 INTRODUÇÃO

O termo “Bibliografia”, em seu sentido etimológico, significa a “descrição dos livros”. Essa descrição, por sua vez, pode ir além dos aspectos técnicos voltados ao objeto físico e necessitar de compreensões históricas. Nesse sentido, o evento “A Arte da Bibliografia” agrega aos estudos bibliográficos, uma vez que promove uma discussão interdisciplinar pautada nos estudos do livro, do documento e da informação, compreendendo questões históricas e contemporâneas sobre o tema (ECCE LIBER..., 2013, não paginado).

Alentejo (2015, p.54) destaca três funções sociais da Bibliografia, que são: “[...] favorecer o controle bibliográfico, a ampliação da descrição dos artefatos informáticos e divulgação e a preservação do conhecimento registrado”. Com isso, entende-se que aos estudos sobre a Bibliografia podem-se somar discussões sobre múltiplas tipologias documentais, desde que se reconheça nesses artefatos o seu valor histórico e social e prime-se por sua preservação.

Diante disso, é possível dizer que há objetos informacionais relacionados a situações, lugares e épocas que servem para “representar” uma realidade específica. A ideia de “representações da sociedade” é definida, portanto, como “[...] algo que alguém nos conta sobre algum aspecto da vida social” (BECKER, 2009, p.18), e esse ato de contar pode ser por meio de registros impressos de informação, relatos e fotografias que representam “realidades” sob a perspectiva de um indivíduo ou grupo.

Com isso, o acesso, o tratamento e a análise crítica desses materiais é uma forma de cumprir com o objetivo social da Bibliografia, que é a disseminação do conhecimento registrado e a preservação da memória documental. “Nesse sentido, a memória se constrói socialmente por meio das experiências vividas, individual ou coletivamente. Cenas, imagens, fotografias, relatos ou registros sonoros nos dão a oportunidade de conhecer memórias vividas em tempos longínquos” (CAVALCANTE, 2007, p.100).

Dado o exposto, o trabalho aqui apresentado é resultado de uma pesquisa realizada entre os anos de 2007 e 2016, em bibliotecas do Brasil e da Argentina, que objetivou a catalogação, digitalização e análise de documentos que retratassem a história da paisagem “Cataratas do Iguaçu”. Metodologicamente, o tratamento técnico dos documentos bibliográficos recuperados encontra-se publicado em dois artigos científicos da área de Ciência da Informação (KARPINSKI, 2018; KARPINSKI *et al.*, 2018).

Entre as fontes históricas utilizadas, destacam-se, para este momento, os relatos de viagens às Cataratas, em especial os publicados entre fins do século XIX e início do século XX. Essas publicações são consideradas e tratadas como obras raras pelas bibliotecas custodiadoras e se constituem como fontes de informação histórica sobre o lugar, as pessoas, a política, os conflitos territoriais e os recursos naturais subsumidos numa estética literária que compõe arte, memória e paisagem.

Do ponto de vista teórico, é o conceito de memória que percorre toda a reflexão, uma vez que se parte do entendimento de que todo relato de viagem é um relato de memória. A partir disso, neste artigo, os relatos de viagem serão abordados como uma tipologia documental que contribui para a memória e história das Cataratas do Iguaçu, permitindo aproximações com a arte da Bibliografia. No primeiro momento do artigo (itens 2 e 3), são abordadas as questões técnicas e teóricas que nortearam as análises documentais. Posteriormente, são apresentados os relatos em si a partir de textos e imagens voltados ao que se considera aqui como a arte de documentar a natureza.

2 RELATOS DE VIAGEM COMO UMA TIPOLOGIA DOCUMENTAL

Araujo e Fachin (2015) evidenciam a multiplicidade das fontes de informação ao mencionarem a definição abrangente do termo. Para as autoras, “[...] as fontes de informações são registros utilizados ao longo da vida do ser humano, possibilitando ampliar a visão do mundo em que vive e sobre as coisas que estão a sua volta” (ARAUJO; FACHIN, 2015, p.84). As fontes de informação podem, também, ser classificadas como primárias, secundárias ou terciárias, de acordo com Blattmann (2015).

Frente a isso, é preciso refletir sobre como a área da Ciência da Informação, especificamente a Biblioteconomia, entende os relatos de viagem. Esse tipo de documento pode ser analisado a partir da obra “Introdução às Fontes de Informação”, como possíveis fontes de informação geográfica (MAGALHÃES, 2005).

Magalhães (2005) explica que as fontes de informação geográficas, comumente conhecidas hoje como mapas, atlas, globos, dicionários geográficos e guias de viagem, são tipologias que se consolidaram no Brasil após a década de 1930. De acordo com a mesma autora, isso se deve a dois fatores específicos: o primeiro foi a criação de cursos universitários e a inserção do campo científico e disciplinar da Geografia no País; e o segundo, foi a constituição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). “Ao

longo do tempo, a natureza dos estudos e pesquisas na área da geografia veio modificando-se drasticamente, passando de uma abordagem meramente descritiva e regional para um enfoque científico e abrangente” (MAGALHÃES, 2005, p.53).

Em uma contextualização histórica, Magalhães (2005, p.56) também afirma que “[...] os diários, contendo relatos individuais de viagens e explorações, com anotações particulares ou apresentadas em eventos oficiais de expedições, teriam sido os formatos mais antigos para a disseminação de informações geográficas”. Isso porque os relatos elaborados em expedições exploratórias eram o único meio de documentar tanto o que já havia em determinado local quanto o andamento de possíveis interferências humanas a determinado ambiente, e, por isso, ainda que contenham a percepção do autor do conteúdo em questão, caracteriza-se como uma fonte primária de informação geográfica.

Se tentássemos classificar esses relatos de viagem dentro de sistemas de organização do conhecimento como a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU), é perceptível que, em ambos os casos, os relatos se encontrariam vinculados à grande área de Geografia. Na CDD, a notação 910.92 se refere a “Grandes viagens, viajantes, exploradores, geógrafos”, subordinada à subclasse “Geografia Geral / Viagens”, de número 910, dentro da classe 900, “Geografia e História”.

No caso da CDU, uma provável classificação dos relatos de viagem seria a notação 910.4, referente a “viagens de descoberta”. Esta, por sua vez, está inserida também no número 910, que diz respeito a “Questões gerais. Geografia como ciência. Exploração. Viagens”, dentro de 91 “Geografia. Exploração de Terra e de países. Viagens; Geografia regional”, pertencente à grande classe de notação 9, “Geografia. Biografia. História”.

Assim, pela literatura e pelos próprios sistemas de organização do conhecimento, identifica-se a categorização dos relatos de viagem como uma fonte geográfica de informação, mas é preciso dizer que a análise de um relato de viagem pode ir além do levantamento de questões geográficas, políticas e econômicas presentes em cada relato. Isso ressalta que, ainda que os relatos de viagem estejam, nas classificações supracitadas, subordinados à classe da Geografia, eles também estão vinculados, em ambos os casos, à área da História.

Documentos como registros de cartório, diários, testemunhos e, inclusive, relatos de viagem, na visão de Carli (2013), podem ser considerados fontes de estudo histórico. Para a autora, a essência do documento histórico está na possibilidade de identificação das impressões de produção daquele registro, eternizando os acontecimentos históricos a partir de fragmentos deixados pelas pessoas que vivenciaram aquele contexto.

Na verdade, analisar relatos de viagem dos séculos XIX e XX, como os desta pesquisa, direcionam a discussão para o valor histórico dos documentos e a preservação da memória de uma época, um lugar e uma sociedade.

3 CATEGORIAS EM TRÂNSITO: MEMÓRIA, PAISAGEM E HISTÓRIA

O conceito de memória é compreendido, nesta pesquisa, a partir da perspectiva de Ricoeur (2007). Para esse autor, é possível conceber a memória como um fenômeno que abarca lembrança e esquecimento, num processo de constituição pessoal e social que ocorre de forma difusa, retalhada, recortada, filtrada, fragmentada e voluntariamente registrada. Para Ricoeur (2007), os testemunhos registrados são lembranças e esquecimento ao mesmo tempo, pois o que se registra pode operar, também, para o esquecimento daquilo que não foi registrado.

Nesse aspecto, as informações constantes nos relatos de viagem às Cataratas no período pesquisado apresentam um retrato que, por vezes, pode representar também reflexos do não dito ou do não registrado. Uma expressão, uma palavra solta, um ponto final, uma reticência ou uma mudança de estilo narrativo são como traços escondidos numa obra de arte, cabendo ao pesquisador um olhar sensível e atento. Esse trânsito entre o registro efetivo e o sentimento subsumido à narrativa ou estilística autoral são os “rastros” da experiência do viajante frente à paisagem. A noção de “rastro” é também utilizada por Ricoeur (2007) para definir os “registros” do passado, pois o rastro necessita da investigação, do “farejar” constante de quem busca a(s) “verdade(s)” de quem ou do que se faz presente no documento.

Para decifrar esses rastros ou vestígios do passado, a História que, desde o século XIX se fez ciência, precisa se aproximar da arte para entender como se constituem os sujeitos históricos dos documentos. Tanto aqueles que emergem do objeto registrado quanto daquele que operou para o registro; neste caso específico, os viajantes. Dessa forma, os relatos de viagem se tornam uma fonte histórica repleta de registros pessoais e sociais sobre fatos, pessoas e paisagens e ajudam a deslindar processos históricos singulares.

Para a compreensão dos relatos de viagens específicas sobre a paisagem “Cataratas do Iguaçu”, foram imprescindíveis as constatações de Schama (1996, p.17): “Antes de ser um repouso para os sentidos, a paisagem é uma obra da mente. Compõem-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas”. Por isso, os estudos

acerca da história da paisagem são, em suma, estudos de história social e cultural, uma vez que o objeto histórico “paisagem” é uma representação acerca do espaço que circunda o ser humano. Ao “descrever” uma paisagem, o narrador a constrói a partir de suas relações com o ambiente e com o que consegue apreender daquele espaço que congrega tanto os aspectos naturais (relevo, flora, fauna) quanto culturais (populações, interesses, juízos, relações de poder).

A leitura da paisagem pela cultura é, portanto, histórica e está intimamente relacionada à Memória. Essa aproximação entre “espaço” e “memória” é posição de Bachelard (2005), que, na construção fenomenológica da segunda a partir do primeiro, chama a atenção para o fato de que a lembrança é sempre uma imagem. Nesse aspecto, a história da paisagem ganha destaque nos estudos sobre a memória, uma vez que a imagem se restringe ao espaço, e não ao tempo.

A tese de que a memória é uma representação do passado atualizada no presente é de Bergson (2006), que foi professor de Bachelard. Nessa perspectiva, o tempo é a categoria primeira da memória, uma vez que a lembrança é sempre de algo pretérito, por mais que seu fenômeno ocorra no presente. Sendo a relação passado-presente o aspecto fundamental da memória, o tempo seria, então, a condição de sua possibilidade, independentemente do seu conteúdo. Já Bachelard (2005) entende que a memória independe do tempo porque, em última instância, seu conteúdo é sempre “imagem”, e essa, por sua vez, é espacial, e não temporal.

De acordo com Bachelard (2005), o ser humano não tem “memória” do ou sobre o tempo, mas sim de espaços que, ao se perpetuarem nas imagens das lembranças, se tornam atemporais e suscitam sentimentos. Nesse aspecto, independentemente de seu caráter estilístico, as representações sobre o passado estão envoltas em imagens, e, dessa forma, os estudos sobre a história da paisagem ajudam a compreender a constituição da memória. Obviamente que a discussão resumida aqui é deveras simplificada, uma vez que essas perspectivas teóricas serviram como instrumentos para a pesquisa e a reflexão acerca dos relatos de viagens. O fato é que, ao “documentar” a paisagem das Cataratas do Iguaçu, percebe-se, por parte dos viajantes, um anseio de expressar em palavras, desenhos, gravuras e, posteriormente, fotografias, a imagem das Cataratas, e, por isso, há a relação mais próxima com a perspectiva bachelardiana.

4 A ARTE DE DOCUMENTAR A “NATUREZA”

Um relato de viagem fala mais do narrador que da paisagem. Nesse sentido, a partir dos relatos analisados nesta pesquisa, foi possível perceber que os viajantes eram, em sua grande maioria, intelectuais, artistas, pertencentes a um *status quo* ímpar no seu tempo. Essa formação intelectual pautada em estudos científicos, matemáticos e artísticos faz dos autores viajantes dos séculos XIX e XX grandes referências na descrição social do passado. Muitos relatos são sistematicamente estruturados a partir de pesquisas sobre o espaço e seus habitantes. Embora o relato seja sempre um recorte ou uma perspectiva a partir do viajante, esse documento se torna uma importante fonte para a história, pois muitas vezes são os únicos registros de determinado tempo e espaço.

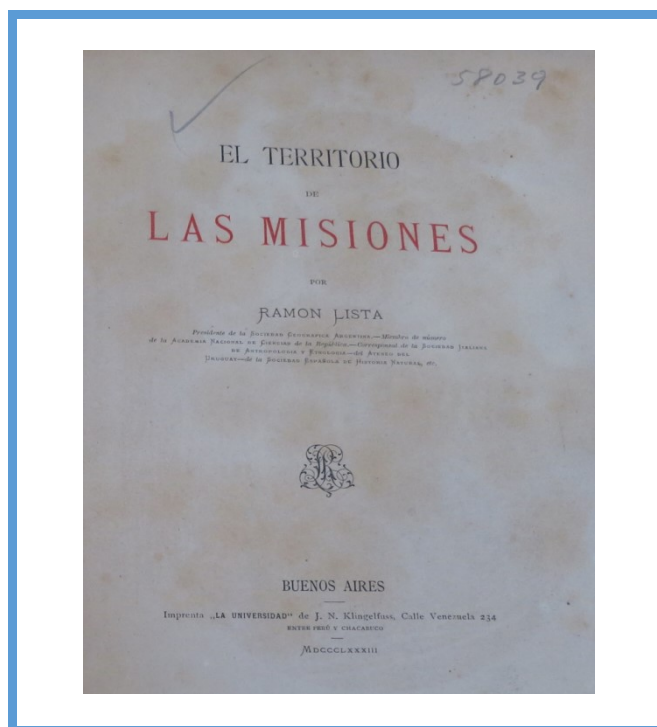
Do ponto de vista historiográfico, a utilização de relatos de viagens como fonte histórica não é nenhuma novidade. De Francisco Adolfo de Varnhagen a Sérgio Buarque de Holanda, e deles até o presente, os historiadores fizeram uso dos relatos de viagem justamente pela dupla função que representam: construir fatos e paisagens ao mesmo tempo em que constituem sujeitos históricos. Esse fato advém da compreensão de que o relato, por ser de memória, não é apenas uma descrição, mas uma interpretação e representação do que o narrador voluntariamente registra. Dessa forma, o relato como fonte de informação histórica deve ser lido a partir da análise crítica, pois fala tanto do objeto narrado quanto do próprio narrador, com os interesses e as relações que permeiam seu contexto de criação.

Nesse campo, Naxara (2004) e Prado (1999), para citar apenas duas, são referências importantes para se pensar o relato de viagem como fonte histórica. A partir deste contexto crítico, busca-se apresentar, a seguir, alguns fragmentos do que se considerou, neste estudo, “a arte de documentar a natureza”. De um universo de dezenas de relatos de viagem digitalizados durante a pesquisa, foram selecionadas para este momento as obras de Ramón Lista, Juan Ambrosetti e Silveira Netto. A primeira e a segunda são de autores argentinos que visitaram as cataratas nas décadas de 1880 e 1890, respectivamente. Já a terceira, escrita na primeira década do Século XX, é de autor brasileiro que, como funcionário público, morou na “Colônia Militar da Foz do Iguaçu”, hoje cidade de Foz do Iguaçu, entre 1905 e 1906.

4.1 “El territorio de las Misiones” de Ramón Lista

Militar e explorador argentino, Ramón Lista (1856-1897) estudou no Colégio Nacional de Buenos Aires, onde se especializou em Geografia e História, disciplinas que o auxiliaram na sua principal atuação: viagens exploratórias na Argentina. Entre 1878 e 1897, escreveu cerca de 40 livros, dentre eles “El Territorio de las Misiones” em 1883 (ACADEMIA NACIONAL DE LA HISTORIA, 1965-1967).

Figura 1 - Capa da obra “El territorio de las Misiones”.



Fonte: Lista (1883).

Essa obra retrata a viagem feita entre maio e agosto de 1882. Sob as ordens do governo argentino, Lista buscou informações para constar no processo de demarcação territorial da chamada “Questão de Palmas”, conflito territorial entre Brasil e Argentina. De acordo com Karpinski e Matiauda (2017, p.76), a questão de Palmas “[...] foi definida em fins do Século XIX como denominação de uma área de litígio que englobava partes de territórios hoje pertencentes ao Estado do Paraná e Santa Catarina, no Brasil, e a Província de Misiones na Argentina”.

Nesse sentido, o principal objetivo do viajante era o de atrair imigrantes para a região, especialmente para povoar o território em disputa com o Brasil. No entanto, o “tom” político e belicoso dos primeiros capítulos da obra ganha contornos estéticos ao

tratar especificamente da paisagem das Cataratas do Iguaçu, como se observa no trecho selecionado:

En resumen; el estupendo despeñadero sudamericano, conocido vulgarmente con el nombre de Salto Victoria¹ es una de las maravillas de la tierra y el espectáculo más grandioso de la naturaleza tropical. [...] Las márgenes Del I-guazú son en general atrayentes y ofrecen un paisaje grave y delicioso que no puede contemplarse sin profunda emoción. (LISTA, 1883, p.47-48).

Uma das singularidades desse relato de viagem é o fato de que, entre os documentos analisados, é de Ramón Lista a primeira imagem publicada: um croqui feito por ele mesmo durante a viagem (figura a seguir).

Figura 2 - Croqui “Catarata del Y-guazú”.



Fonte: Lista (1883).

Apesar do encantamento registrado em narrativa e imagens, as cataratas ocuparam apenas um capítulo no seu relato. No entanto, a riqueza de detalhes e o estilo poético da narrativa sobre a paisagem faz com que o capítulo seja mesmo um espaço muito distinto no livro. Isso porque, como pontuado anteriormente, o objetivo maior do

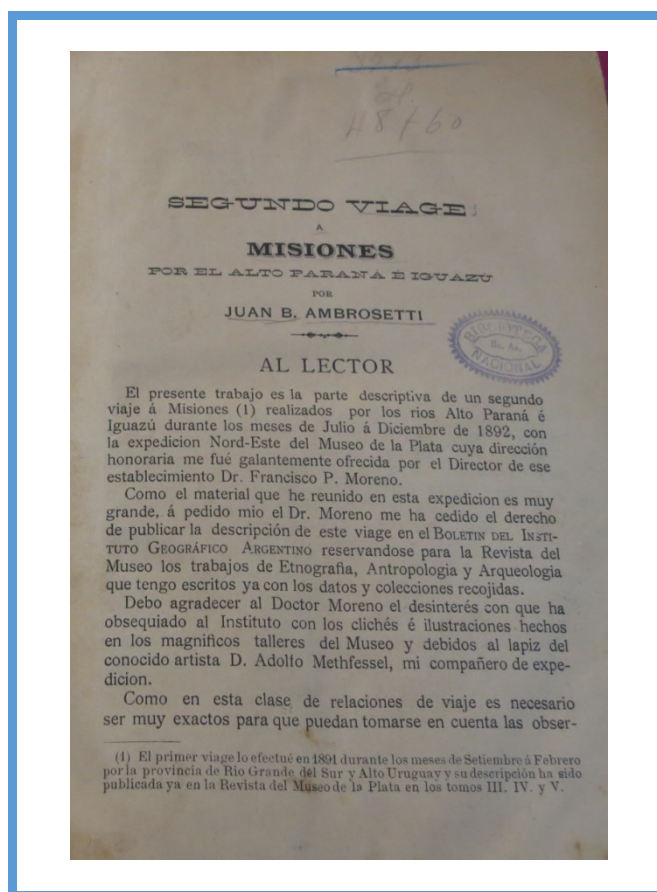
¹ Até final do Século XIX, as Cataratas do Iguaçu eram conhecidas na Argentina como Salto Victoria.

viajante era o de descrever as riquezas naturais e as potencialidades da região para imigração e, em especial, atrair os estrangeiros que viam a América como possibilidade de riquezas, e não de paisagens.

4.2 “Segundo viaje a Misiones” de Juan Bautista Ambrosetti

Juan Bautista Ambrosetti (1865-1916), naturalista, arqueólogo, zoológico, antropólogo e explorador, nasceu na Província de Entre Ríos, na Argentina. Foi também professor nas Universidades de Buenos Aires e La Plata. Em 1892 publicou “Segundo viaje a Misiones”, que retrata a sua participação na expedição científica do Museu de La Plata, realizada entre julho e dezembro de 1892.

Figura 3 - Imagem de primeira página da obra “Segundo viaje...”.



Fonte: Ambrosetti (1893).

É o único relato de viagem no qual o autor é também membro de uma expedição científica. Nessas expedições, era grande o número de profissionais que participavam da viagem e tinham como objetivo explorar o território visitado. Essa expedição em particular contou com inúmeros cientistas, uma vez que sua organização estava sob a responsabilidade do Museu de La Plata. Também fizeram parte da expedição famosos

pintores de paisagem argentinos, como Augusto Ballerini e Adolph Methfessel. São de autoria desses dois pintores as primeiras obras de arte sobre as Cataratas do Iguaçu (KARPINSKI, 2017).

Nesse aspecto, o relato de Ambrosetti é peculiar, pois, além de uma narrativa textual primorosa na descrição dos saltos, o viajante insere a reprodução de uma obra de arte e de fotografias que fizeram parte do acervo documental da expedição chefiada pelo Museu de La Plata. A obra de arte foi pintada por Methfessel, e as fotografias constam como autoria do próprio Ambrosetti. Além disso, é importante destacar que esses documentos foram publicados sob a autoridade do Instituto Geográfico Argentino, provável destinatário do acervo documental. As figuras a seguir possibilitam a visualização imagética que corrobora com a narrativa estética constituída no relato de viagem.

Figura 4 - Reprodução de obra de arte.



Fonte: Methfessel (189? apud AMBROSETTI, 1893).

Nota: ¡¡Obra magna de la Naturaleza americana, conjunto incomparable de belleza, cuadro imponente de majestad salvaje, te saludo entusiasmado como hijo de esta América que te posee en su seno!! (AMBROSETTI, 1893, p.127).

Figura 5 - Cataratas del Iguazú – Saltos Argentinos I.



Fonte: Ambrosetti (1883).

Nota: Llegados arriba, por entre la cortina de los árboles divisamos algo del Salto, el ruido nos aturde, los peones hacen funcional las hachas y machetes y como telón de teatro los árboles al caer, presenta á nuestros ojos asombrados el gran panorama de la inmensa catarata. (AMBROSETTI, 1893, p.127).

O Museo de La Plata disponibilizou em seu *site*, no ano de 2009, a imagem digitalizada do original da obra de arte reproduzida em 1893 por Ambrosetti e que, por questões estéticas, opta-se por inserir neste artigo na forma da Figura 6. Mesmo assim, é possível fazer valer a narrativa de Ambrosetti, que, ao descrever a paisagem, afirma não haver paleta de cores capaz de captar as matizes que os olhos do viajante visualizava: “[...] los pinceles del artista no encontrarán en la paleta los tintes para copiar tus magníficas iridiscencias” (AMBROSETTI, 1893, p.127).

Figura 6 - Cataratas del Iguazu.

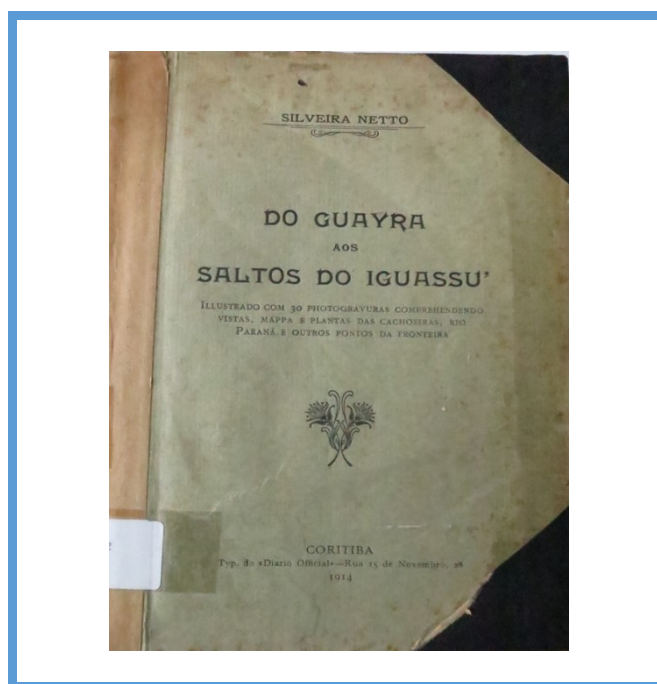


Fonte: Methfessel (1892).

4.3 “Do Guayrá aos Saltos do Iguassú”, de Silveira Netto

Intelectual paranaense, Manoel de Azevedo Silveira Netto (1872-1942) estudou humanidades e cursou a Escola de Belas Artes de Curitiba. Foi poeta, escritor e cronista, e é considerado o principal expoente do Simbolismo brasileiro. Sempre devotado à poesia, Silveira Netto se voltou às características naturais de seu estado natal para constituir a obra narrativa “Do Guayrá aos Saltos do Iguassú”, publicada em 1914 pela Tipografia Paranaense.

Figura 7 - Capa da obra “Do Guayrá aos Saltos do Iguassú”.



Fonte: Silveira Netto (1914).

A narrativa de Silveira Netto descreve a paisagem e uma rede de relações conflituosas que vai desde os maus tratos aos recursos florestais da região à disputa com a Argentina na utilização das cataratas como recurso turístico. Para o momento, selecionou-se suas reflexões sobre a questão ambiental, uma vez que suas críticas são atuais, mesmo estando baseadas em dados e fontes coletadas no início do século passado.

Uma das principais críticas que Silveira Netto faz aos estrangeiros que adentravam os rios paranaenses, entre eles o Iguaçu, é a devastação desmedida da floresta, como se percebe no excerto a seguir:

A Colonia era, por lei, agricola e pastoril, mas a criação e o cultivo do sólo feraz foram por largo tempo ludibriados inteiramente; em seu nome o que

havia era a cruel devastação da floresta, que ainda perdura entretanto; o possante arvoredor, obelisco druidico da selva, abatido às porções, impiedosamente reduzido a toros e planchas, para fluctuarem em jangadas rio abaixo, rumo do estrangeiro, em favor dos exploradores da nossa grandeza florestal. Da mesma forma o *illex*, a herba-matte, é também devastado sem amor e sem methodo pelos exploradores. (SILVEIRA NETTO, 1914, p.44).

Com esses dados é possível afirmar que o discurso de Silveira Netto, apesar de construir uma paisagem florestal grandiosa, não constituiu um ufanismo desmedido dos recursos naturais da região. Pelo contrário, chama a atenção para um fato que até então não se questionava, a duração desses bens naturais diante da atividade exploratória.

Somente depois de várias discussões sobre a região da fronteira é que Silveira Netto iniciou sua narrativa sobre os saltos do Rio Iguaçu. Desta forma, é interessante ressaltar que todas as narrativas que descreveram as quedas não se furtaram da “responsabilidade” de chamar a atenção para o todo que formava a paisagem. As Cataratas do Iguaçu não eram apenas as quedas d’água, elas estavam inseridas num espaço maior que, assim como elas, necessitavam de visibilidade no cenário nacional. Da mesma forma que as cataratas, tidas como espaço de beleza e de perfeição natural, a situação da colônia também precisava ser mostrada, discutida, pensada e valorizada. Assim, a paisagem “natural” não é um apêndice, um espaço à parte, mas uma das raízes deste rizoma que representava a Região Oeste do estado do Paraná. Assim como identificavam as belezas e os recursos naturais da região, os viajantes mostravam também seus problemas político-administrativos, estruturais e sociais.

Logo após as reflexões do contexto social, Silveira Netto passou a descrever a paisagem mesclando narrativa, poesia e imagens. Ao visualizar “a ampla e tumultuosa epopéia das águas”, Silveira Netto registra:

A minha expectativa é ultrapassada num impeto, como a fortaleza que se rende a carga cerrada, ao colimarmos os primeiros borbotões das águas despenhando-se d’alto a baixo, num fragor medonho, prolongado, indefinido, qual se de montanhas que desmoronassem. Ha um assomo de loucura no turbilhão das águas (SILVEIRA NETTO, 1914, p.106).

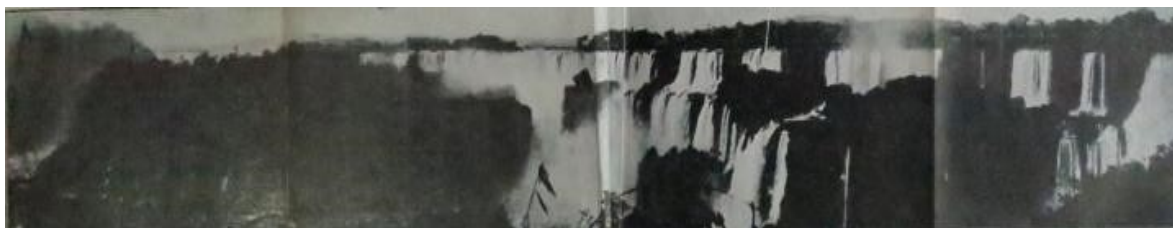
Para se referir especificamente à paisagem do entorno das Cataratas, Silveira Netto usa a poesia. Nesse ponto, a narrativa de viagem é uma junção de memória, arte e natureza, conforme os versos transcritos no relato:

E’ a floresta que sandalos trescala
E contempla, do nemoroso arcano,
O céu que amplo se arqueia azul e opala,

Como o reflexo concavo do oceano.
Templo das selvas, onde freme a escala
Do rugido ao gorjeio, e em cada anno,
Sob a fronde que o vento sul embala,
Canta o fructo do poema virgiliano.
Quando se esvae o dia na quebrada,
E tembla o grito da araponga como
O écho estridente de uma martellada,
E a dolencia do Occaso a matta invade,
Do tronco adusto ao sasonado pomo,
Canta a floresta a nenia da saudade
(SILVEIRA NETTO, 1914, p.104-105).

A mudança estilística da narrativa insere ao discurso político e territorial uma característica artística ao relato da viagem. Além disso, Silveira Netto é o primeiro autor brasileiro a documentar imagens das cataratas por meio da inserção de fotografias. No livro, ganha destaque um panorama fotográfico datado de 1905, ano em que residiu na Colônia Militar e, a seu convite, foi visitado por um fotógrafo que ele chama de “Aristides de Oliveira”.

Figura 8 - Panorama dos saltos “Cataratas do Iguaçu”.



Fonte: Oliveira [1905].

A reprodução da Figura 8 é uma adaptação dos autores deste artigo ao original publicado no relato de 1914 que, no livro, consta como um pôster de grande destaque. Suas dimensões originais são de 40 centímetros de largura por 23 centímetros de altura, com três vincos dobráveis para caber no formato A5 do livro. O relato de Silveira Netto é um dos mais significativos por reunir, numa só produção, informações territoriais, políticas, sociais, ambientais e artísticas - essa última por meio de inserções fotográficas e poesias feitas exclusivamente para expressar seus sentimentos diante das Cataratas do Iguaçu, como o excerto a seguir, utilizado para encerrar este item.

E' o estrondo cruel, que aos espaços afronta,
De algum monte a rolar por abismos sem conta ?
E' do rio o fragor violento que reboa,
Do rio que, revoltado, em cachões escachoa;
Echoando a despertar, de quebrada em quebrada,
Azaléas em flor, chilros em revoada. (SILVEIRA NETTO, 1914, p.110).

Por meio das técnicas da poesia romântica que mistura o sublime kantiano ao exacerbado elogio à natureza selvagem das terras brasílicas, Silveira Netto preenche seu “guia” de viagem com representações que mesclam o espaço a um tipo de estética narrativa. Ao misturar crítica, imagens, poesias e devaneios, o viajante constrói uma fonte de informação híbrida e com várias possibilidades de análise. Para este momento, o excerto apresentado é emblemático ao que se percebe ser uma “arte” de se “documentar” a natureza.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar a Bibliografia a partir da função social exposta por Alentejo (2015), foi possível aproximar ao evento “A arte da Bibliografia” análises e discussões de registros informacionais de valor histórico e social. Afinal, o documento é uma forma de representação de uma sociedade, construída a partir de valores situados num dado espaço e tempo, que contribuem para a reconstituição histórica daquele povo, colaborando para a preservação da memória social.

Com isso, os relatos de viagem aqui apresentados são registros que, a partir de perspectivas e necessidades de cada pesquisador, servem como fontes de informação geográficas e históricas. Geográficas na medida em que são descritas as características físicas e sociais do local que, neste caso, é a paisagem das Cataratas do Iguaçu. Históricas porque, pela forma de escrita e expressão dos autores, retrata sentimentos e percepções culturais de uma época de explorações ao interior dos países sul-americanos entre o fim do século XIX e início do século XX.

Nesse sentido, os relatos de Ramón Lista, Juan Bautista Ambrosetti e Silveira Netto são fragmentos do que se considera como “a arte de documentar a natureza”. Os textos trazem, além do tom político, uma carga de percepções que tocam os leitores e os fazem refletir sobre um tempo e um espaço distintos do seu. Além disso, os relatos se apresentam como singulares pela diversidade de recursos utilizados para a construção da paisagem, com imagens raras de croquis, fotografias e réplicas de obra de arte. Estes testemunhos, portanto, são registros que nos ajudam a entender as Cataratas do Iguaçu sob a perspectiva da memória e da história a partir das constatações de Schama (1996) de que as paisagens são também obras da mente, do ser que interpreta, julga, opina e descreve conforme suas próprias percepções.

Para estudos futuros, pretende-se aprofundar as relações entre informação e imagem no campo da memória a partir da constituição de uma bibliografia de viagens às Cataratas do Iguaçu. Nesse aspecto, os resultados poderiam contribuir para a preservação ambiental do Parque Nacional do Iguaçu, que, juntamente com as Cataratas do Iguaçu, é tombado pela UNESCO como “Patrimônio Natural da Humanidade”. Compreender a paisagem pelo viés da sua constituição histórica requer organização e preservação dos documentos que perfazem seus registros.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA NACIONAL DE LA HISTORIA. **História argentina contemporânea: 1862-1930**. Buenos Aires: El Ateneu, 1965-1967.

ALENTEJO, E. Bibliografia: caminhos da história contada e da história vivida. **Informação & Informação**: Londrina, v. 20, n. 2, p.20-62, maio/ago. 2015. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/23124/pdf_58. Acesso em: 24 jun. 2020.

AMBROSETTI, J. B. **Segundo viagem a Misiones por el Alto Parana e Iguazú**. Boletín Del Instituto Geográfico Argentino: Buenos Aires, [1893].

ARAUJO, N. C.; FACHIN, J. Evolução das fontes de informação. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação. v. 29, n. 1, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/5463/3570>. Acesso em: 24 jun. 2020.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BECKER, H. S. **Falando da Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BERGSON, H. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins e Fontes, 2006.

BLATTMANN, U. **Fontes de Informação**: Primárias, Secundárias e Terciárias. 2015. Disponível em: <http://bibci.wikidot.com/fontes-primarias>. Acesso em: 24 jun. 2020.

CARLI, D. T. de. O documento histórico como fonte de preservação da memória. **Ágora**: Arquivologia em debate, Florianópolis, v. 23, n. 47, p.183-197, 2013. Disponível em: https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/454/pdf_23. Acesso em: 24 jun. 2020.

CAVALCANTE, L. E. Os percursos da memória: a exposição virtual cartes postales du Québec d’antan como fonte de informação histórica. **Informação & Sociedade**: Estudos. João Pessoa, v. 17, n. 3, p.99-105, set./dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/976/1590>. Acesso em: 24 jun. 2020.

ECCE LIBER: Filosofia, Linguagem e Organização dos Saberes. **Seminário Internacional A Arte da Bibliografia**. Breve história do evento. Disponível em: <https://www.ecceliber.org/historia-do-evento>. Acesso em: 24 jun. 2020.

KARPINSKI, C. **História do Rio Iguaçu**: navegação, cataratas e hidrelétricas. Balti [Moldova]: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

KARPINSKI, C. et al. Levantamento, catalogação e digitalização de fontes históricas sobre as Cataratas do Iguaçu (1850-1910). **Encontros Bibli**, v. 23, p.99-111, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2018v23nespp99/36932>. Acesso em: 25 jun. 2020.

KARPINSKI, C. Patrimônio natural, documentação e pesquisa. **Transinformação**, v. 30, p.314-323, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/117799>. Acesso em: 25 jun. 2020.

KARPINSKI, C; MATIAUDA, D. I. G. Paisagem e fronteira nas questões territoriais entre Argentina e Brasil (1860-1914). **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 9, n. 17, p.72 - 85, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://revistanupem.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/321/297>. Acesso em: 01 jul. 2020.

LISTA, R. **El territorio de las Misiones**. Buenos Aires: Imprenta “La Universidad”, 1883.

MAGALHÃES, M. H. de A. Fontes de informação geográfica. In: CAMPELLO, B. S.; CALDEIRA, P. da T. (Orgs.). **Introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. 53-66.

METHFESSEL, A. **Cataratas del Iguazú**. 1892. Óleo sobre tela, color. 75 x 175 cm. Museu de La Plata. Disponível em: http://www.fcnym.unlp.edu.ar/museo/arte/methfessel_1.htm. Acesso: 30 jun. 2009.

NAXARA, M. R. C. **Cientificismo e sensibilidade romântica**: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. Brasília: Editora da UnB, 2004.

OLIVEIRA, A. Panorama dos saltos do Iguaçu ou Santa Maria [1905]. Fotografia p & b. 40 x 23 cm. In: SILVEIRA NETTO, M. A. **Do guayra aos saltos do Iguassú**. Curitiba: Typographia do Diario Oficial, 1914. 90-91.

PRADO, M. L. C. **América Latina no Século XIX**: tramas, telas e textos. São Paulo: Edusp; Bauru: Edusc, 1999.

RICOEUR, P. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

SCHAMA, S. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

SILVEIRA NETTO, M. A. **Do guayra aos saltos do Iguassú**. Curitiba: Typographia do Diario Oficial, 1914.



Notas

AGRADECIMENTOS

Não se aplica

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: C. Karpinski, K. Vieira

Coleta de dados: C. Karpinski, K. Vieira

Análise de dados: C. Karpinski, K. Vieira

Discussão dos resultados: C. Karpinski, K. Vieira

Revisão e aprovação: C. Karpinski, K. Vieira

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Encontros Bibli** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Enrique Muriel-Torrado, Edgar Bisset Alvarez, Camila Barros, Igor Soares Amorim, Rodrigo de Sales.

HISTÓRICO

Recebido em: 06-07-2020 – Aprovado em: 04-09-2020 – Publicado em: 30-11-2020

